

## A escola como veículo de motivação e desenvolvimento dos alunos

### School as a factor for the motivation and development of students

**Maria Cecília da Silva Pontes**

Social and Political Sciences Institute, University of Lisbon

[ceciliapontes12@hotmail.com](mailto:ceciliapontes12@hotmail.com); [cpfq@hotmail.com](mailto:cpfq@hotmail.com)

**Patrícia Jardim da Palma**

Social and Political Sciences Institute, University of Lisbon

[ppalma@iscsp.ulisboa.pt](mailto:ppalma@iscsp.ulisboa.pt)

#### Resumo

Este artigo tem como objetivo primordial o de definir o papel da escola como veículo de desenvolvimento e transformação dos alunos em futuros talentos. Deseja-se uma escola, onde formar é organizar contextos de aprendizagem estimulantes, ou seja, ambientes formativos que favoreçam o cultivo de atitudes saudáveis e o desenvolver de talentos de cada um com vista ao desenvolvimento das competências que lhes permitam viver em sociedade. O ideal no ato educativo seria o professor, tendo em conta a multiplicidade de estilos motivacionais existentes na sala de aula, ser capaz de adaptar os procedimentos didáticos a essa multiplicidade. Através das teorias motivacionais de Vroom e de Maslow, compreendem-se os fatores que agem sobre os jovens e movem o seu comportamento. Pela análise das respostas obtidas no Focus Group exploraram-se as causas da desmotivação e as estratégias motivadoras do ensino-aprendizagem. No final, são discutidas as principais conclusões e implicações do estudo.

**Palavras-chave:** *Escola, Alunos, Motivação, Talento.*

#### Abstract

This study's main goal is to define the school's role as a mean for developing and transforming students into future talents. School is viewed as a place where teaching involves the creation of more stimulating learning contexts, that is to say, formative opportunities that may support the growth of healthy attitudes and the development of certain individual talents which may enable students to develop important skills in order to become a part of society. The ideal educational act should involve such a model of teacher who could, on one hand, be able to deal with the multiplicity of motivational styles existing in the classroom. Through Vroom's and Maslow's motivational theories we are able to understand all the issues influencing teenagers and their behaviour. By analyzing the responses from the Focus Group both the causes of demotivation and some motivating teaching and learning strategies were highlighted. To conclude some of the main results and implication of the study are discussed.

**Key-Words:** *School, Students, Motivation, Talent.*

#### Introdução

Desenvolver competências e adquirir conhecimento são vulgarmente tarefas que associamos à escola, mas fazer refletir, promover a criatividade, o empreendedorismo, o gosto pela descoberta e promover talento devem ser igualmente considerados na função da escola. Entre Einstein, Newton, Joaquim Cortez, Bethoveen, Bill Gates, Agatha Christie ou Steve Jobs é certamente difícil escolher o mais talentoso. Mas terão aprendido e desenvolvido na escola as suas potencialidades naturais? É curioso que a maioria destas personalidades

notáveis não tenha sido brilhante na escola ou não tenha sequer frequentado ou terminado os seus cursos superiores. Foi após terem saído da escola, ou durante a frequência da mesma, que todos eles se consolidaram profissionalmente nas mais diversas áreas. O aspeto primordial a ser considerado é o valor do potencial humano.

Assim, e segundo Ulrich (2007, cit. por Palma & Lopes, 2012) o talento compreende três componentes essenciais: a competência, o compromisso e o sentido de contribuição. É preciso alimentar-se o talento e compreender a forma como esse talento se exprime de modo diferente em cada indivíduo. Tudo isto exige que nas escolas se criem ambientes em que cada jovem se sinta inspirado a crescer criativamente. As diferentes escolas especializadas surgem como importância fulcral para emergirem talentos. Conservatórios de música, escolas de teatro, academias de dança, centros de línguas são exemplos de imprescindíveis locais para o desenvolvimento dos jovens talentos (Robinson, 2010).

É nas escolas que podemos aprender as mais diversas disciplinas, mas deve também ser na escola que se deve aprender a pensar, a refletir, a decidir, a explorar, a experimentar, a desenvolver espírito crítico e a partir à descoberta do que nos alimenta a paixão. São as competências transversais para podermos explorar e desenvolver os nossos talentos. É quando se descobre o nosso Elemento, ou seja, o que move a nossa paixão e para a qual movemos mais esforço, mais dedicação, mais empenho, mais motivação e obtemos mais sucesso (Robinson, 2010).

A motivação é vista, desde meados do Século XX, fator de aumento da produtividade e de melhoria da qualidade dos serviços (Abreu, 2002). Neste sentido, os objetivos deste estudo investigativo foram: definir o papel da escola como veículo de desenvolvimento e transformação dos alunos em futuros talentos, compreender a importância da educação no desenvolvimento de um tecido empresarial mais inovador e empreendedor em Portugal, explorar as causas de desmotivação entre os alunos, analisar a imagem que a escola transmite aos alunos, envolver os alunos com as atividades escolares e procurar estratégias motivadoras do ensino-aprendizagem.

Para a consecução dos objetivos delineados neste estudo investigativo, apoiamo-nos nas teorias motivacionais de (Vroom, 1988) e de (Maslow, 1968). A motivação tem despertado a atenção dos profissionais envolvidos na educação por ser considerada como um dos principais fatores que favorecem a aprendizagem (Estanqueiro, 2012a). Segundo Vroom (1988) para o aluno se sentir motivado, é imprescindível que este se sinta capaz de atingir os objetivos pessoais delineados. Esta suposição acaba por associar a motivação à

competência. Para Maslow (1968) o homem está motivado quando as suas necessidades são supridas. Uma pessoa que é motivada pelas necessidades de autorrealização move um grande empenho nas suas tarefas.

Segundo Robinson (2010) a maioria das pessoas não desenvolve o seu talento e a sua paixão devido ao facto de ter uma conceção muito limitada das suas capacidades naturais. Curiosamente, a principal causa de agravamento dessa limitação deve-se à educação. Muitas pessoas concluem os estudos ou abandonam a escola sem conhecerem os seus verdadeiros talentos e sem saberem que rumo seguir. Muitas sentem que as suas qualidades não são valorizadas pela escola.

Assim, pretende-se, na parte 2 deste artigo, realizar a revisão da literatura, método adotado no processo de investigação. É feita uma abordagem teórica à investigação qualitativa em educação. São ainda referidas as estratégias de recolha de dados durante a investigação, nomeadamente através do Focus Group a duas turmas de nono ano da Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos Dr.º Horácio Bento de Gouveia e a forma como são tratados os dados através da análise de conteúdo. Seguidamente, expõem-se os resultados, seguidos da sua discussão. Na parte 3, apresentam-se as conclusões da investigação e sugestões para estudos futuros.

### **Revisão da Literatura**

A escola pública tem sido submetida, nos últimos anos, a uma multiplicidade de medidas e programas reformadores com implicações visíveis aos níveis da sua organização e administração, das relações laborais e das identidades profissionais dos professores, do clima de trabalho e das metodologias pedagógicas, da reconfiguração das relações de poder e dos perfis de liderança, entre outras dimensões (Torres & Palhares, 2009). A gestão estratégica de recursos humanos traduz a crença nas pessoas como o recurso competitivo estratégico. As práticas rigorosas de seleção e os incentivos baseados na *performance* revelam-se ferramentas cruciais para a atração e retenção dos colaboradores mais talentosos (Lopes, Palma, Ribeiro & Cunha, 2011).

A educação não se reduz hoje aos espaços escolares nem a escola esgota hoje a sua função no transmitir de saberes mais ou menos atualizados, sejam eles culturais, científicos ou tecnológicos. Trata-se, pois, de uma tarefa de múltiplos agentes: os pais, encarregados de educação, professores e os profissionais da educação são alguns dos mais citados intervenientes nas dinâmicas e processos educativos (Palma, Cunha & Lopes, 2007).

Segundo Boavida & Dujo (2007) a relação educativa será o conjunto de interações entre educador e educando ou de influências de um sobre o outro ou mútuas. Hoje, vive-se uma época em que as mudanças científicas, tecnológicas, económicas, políticas e, principalmente, sociais, trazem à escola uma responsabilidade acrescida na definição do seu papel e formas de atuação.

É papel da escola formar cidadãos, dar aos alunos os ensinamentos de que eles necessitam para viverem e trabalharem neste mundo em constante mudança, bem como criar e lançar no mercado de emprego profissionais de que carece a sociedade nas mais variadas atividades (Cabral, 2001).

Hoje, debate-se e discute-se a respeito do papel da escola na educação, porém, é preciso vê-la além da função de somente transmitir conhecimentos aos alunos. Sendo a escola conhecida como “instituição do saber”, a mesma exerce uma enorme importância no tecido social. A escola necessita ser pensada como “preparação” para a vida, no cumprimento da sua função de preparar cidadãos do mundo e para o mundo. Como refere Freire: ... *ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção* (Freire, 2001, p.25).

O insucesso pode ser definido como: elevado número de reprovações, abandono precoce da escola, revelação da insuficiência dos conhecimentos anteriormente adquiridos quer para progredir nos estudos quer para o acesso a uma profissão, desinteresse crescente pela escola, manifestações de marginalidade e baixo rendimento escolar (Antunes, 1991). O sucesso ou insucesso estão ligados a fatores como os alunos, a família, os professores, a escola, os currículos, o sistema educativo, entre outros.

Os alunos têm de participar ativamente nas atividades da aula. Isso ajuda a formar cidadãos participativos e críticos e reforça a motivação e promove a aprendizagem (Estanqueiro, 2012a).

Para Oliveira (1994) a família constitui incontestavelmente o fator mais determinante da personalidade, pois é o ambiente mais importante para a criança, o seu primeiro grupo social, onde passa a maior parte do tempo. Nesta ordem de ideias Nóvoa (2008) adita que individualmente os pais podem ajudar a motivar e a estimular os seus filhos, associando-se aos esforços dos profissionais do ensino.

Na gestão da aula, o professor pode adotar dois estilos de liderança eficazes para exercer a sua autoridade e influenciar o desenvolvimento dos alunos: o estilo diretivo e o estilo participativo. Um professor competente exerce a sua autoridade sem cair nos extremos do autoritarismo ou da permissividade (Estanqueiro, 2012a).

Hoje em dia, a escola ainda é uma instituição que está organizada de forma burocrática, rígida e seletiva. Tem uma oferta formativa pouco diversificada, nem sempre capaz de responder às expectativas dos jovens (Cabral, 2001).

É preciso que a escola e a vida real estejam mais próximas de modo a facilitar-se o desenvolvimento dos talentos nos jovens. Em países como a Alemanha, Suíça e Áustria, o sistema educativo consagra uma relação articulada e partilhada entre as empresas e as instituições de ensino, desde muito cedo, na vida dos jovens (Palma & Lopes, 2012).

O insucesso escolar tende a ser analisado por diferentes prismas. Em termos de opinião, ele traduz, para os professores, em geral, a falta de bases, de motivação ou de capacidades dos alunos ou, ainda, o disfuncionamento das estruturas educativas, familiares e sociais. Para os pais e para o público, em geral, os professores terão a sua quota-parte de responsabilidade (absentismo, desmotivação, insuficiente formação) (Roazzi & Almeida, 1998).

A escola é melhor organizada quando promove o desenvolvimento da competência pessoal e de autodomínio. O papel do professor é crucial neste processo (Sprinthall, & Sprinthall, 1993). Acredita-se ser este o grande desafio da atualidade a que os professores estão sujeitos: averiguar as razões da ausência da motivação do aluno para a aprendizagem, analisá-las e buscar estratégias eficazes que ajudem a reverter este quadro. Podemos definir motivação como o conjunto de forças internas que mobilizam o indivíduo para atingir um dado objetivo como resposta a um estado de necessidade, carência ou desequilíbrio (Abreu, 2002).

Para Vroom (1988), a motivação é produto do valor previsto atribuído a um objetivo pela probabilidade de o alcançar. Deste modo, esta teoria baseia-se no facto de a motivação constituir um processo que pressupõe escolhas entre comportamentos, sendo que o indivíduo tem noção das consequências de cada alternativa de ação como um conjunto de possíveis resultados decorrentes do seu comportamento. A motivação depende da expectativa que o indivíduo tem em ser recompensado face ao trabalho desempenhado (Vroom, 1988). Segundo Bilhim (2006), o objetivo primordial dos sistemas de compensação é o reforço do grau de satisfação no trabalho, da produtividade e da excelência organizacional.

A teoria humanista de Maslow permite compreender as motivações e os comportamentos das pessoas. Abraham Maslow (1968, cit. por Sprinthall & Sprinthall, 1993) sugeriu que existe uma ordem definida através da qual os indivíduos tentam satisfazer as suas necessidades no decorrer da vida (pirâmide das necessidades de Maslow). Esta pirâmide

admite seis camadas (necessidades básicas, necessidades de segurança, necessidades sociais, necessidades de estima, necessidades autorrealização e necessidades espirituais), que nos estimulam para a ação. Para Maslow (1968, cit. por Palma & Lopes, 2012), cabe à pessoa buscar aquilo por que acha que vale a pena lutar todos os dias. Isto implica a definição de uma missão de vida.

Não basta ser-se competente para se ser talentoso (Palma & Lopes, 2012). O talento admite três componentes: competência, compromisso e sentido de contribuição. As competências são classificadas como técnicas e sociais. O fator “compromisso” convida à definição de uma proposição de valor para os funcionários, em função do valor que ele gera para a empresa e do que ele recebe em troca. Já no terceiro componente do talento, no sentido de “contribuição”, o líder deve certificar-se de que as pessoas encontram significado no trabalho, uma sensação de que estão a contribuir para uma causa maior, o que leva ao fortalecimento do próprio talento e ao aumento da produtividade (Ulrich, 2007 cit. por Palma & Lopes, 2012).

É imprescindível uma renovação metodológica indispensável a uma aprendizagem duradoura e eficaz, capaz de conduzir o processo de aprendizagem. Esta renovação vem ao encontro do conceito de escola reflexiva, que considera a escola como uma organização que constantemente reflete sobre si própria, na sua missão social e na sua organização e que se confronta com o desenrolar da sua atividade num processo heurístico, simultaneamente avaliativo e formativo (Alarcão, 2001).

Tendo em conta o objetivo principal da investigação, que é o de definir o papel da escola como veículo de desenvolvimento e transformação dos alunos em futuros talentos, mostram-se de seguida, alguns exemplos de boas práticas educativas que vão ao encontro das teorias motivacionais em que este estudo se baseia (teoria da expectativa de Vroom e a hierarquia das necessidades de Maslow).

Há insucesso escolar quando os alunos não concretizam os objetivos pretendidos para o período escolar em causa (Roazzi & Almeida, 1998). Hoje, para combater o insucesso escolar, é uma exigência, modernizar as estratégias de organização das aprendizagens para a concretização do direito à educação (Conselho Nacional de Educação, 2012).

O sucesso escolar não deriva apenas dos resultados académicos; está igualmente relacionado com a atitude dos alunos face à escola, com o seu grau de motivação, com o tempo despendido e os hábitos de estudo, com a sua capacidade de atenção/concentração, rapidez de processamento, resolução de problemas, memória e com a ansiedade com que cada aluno lida com as atividades escolares. Ao adequarmos as estratégias de trabalho aos

perfis naturais de aprendizagem, os resultados serão nitidamente mais elevados (Bolívar, 2003).

Com o objetivo de conseguir a plena integração e a sobrevivência escolar de todos os alunos, o Ministério da Educação lançou, no ano letivo 2009/10, o Programa Mais Sucesso Escolar, que tem como objetivo apoiar o desenvolvimento de projetos de prevenção e combate ao insucesso escolar no ensino básico, de mais de uma centena de agrupamentos/escolas de todo o país (<http://www.dgidc.min-edu.pt/outrosprojetos/index.php?s=directorio&pid=108>).

Outra iniciativa de combate ao insucesso escolar é o projeto que teve início com um primeiro estudo em parceria com o Ministério da Educação e com a consultora McKinsey & Company, que levou à realização de um aprofundado inquérito de campo a cerca de 500 escolas e permitiu associar boas práticas de gestão a escolas com resultados superiores. Seguiu-se um trabalho de fundo feito pela EPIS (Empresários Pela Inclusão Social), em colaboração com a McKinsey, a Direcção-Geral de Recursos Humanos da Educação e o Conselho das Escolas. Deste projeto, surgiu o manual “Escolas de Futuro”, a fim de, sustentadamente, levarem a cabo os seus projetos educativos com sucesso e assim formarem melhores alunos e, em última instância, um país melhor.

## Método

A pesquisa qualitativa recobre, hoje em dia, um campo transdisciplinar, envolvendo as ciências humanas e sociais, assumindo tradições e adotando vários métodos de investigação para o estudo de um fenómeno situado no local em que ocorre, procurando tanto encontrar o sentido desse fenómeno quanto interpretar os significados que as pessoas lhes dão (Chizzotti, 2003). A investigação qualitativa utiliza principalmente metodologias que possam criar dados descritivos que lhe permitirão observar o modo de pensar dos participantes numa investigação (Bogdan & Biklen, 1991/1994). O presente estudo insere-se numa investigação de cariz qualitativo, uma vez que decorreu no ambiente natural da escola.

Na abordagem qualitativa, privilegia-se uma amostragem criteriosa e intencional, ou seja, a seleção da amostra está sujeita a determinados critérios que permitam ao investigador aprender o máximo sobre o fenómeno em estudo (Carmo, 2008). Os participantes foram selecionados em função dos propósitos do estudo e informados do objetivo da investigação; foi solicitada autorização para se filmar a sessão em que iam participar, garantindo-se-lhes o direito de confidencialidade. A amostra é constituída por dois grupos de alunos de turmas

diferentes de nono ano de escolaridade, da Escola dos segundo e terceiro ciclos Dr. Horácio Bento de Gouveia, evidenciando índices de desmotivação para a escola. O grupo I é constituído por sete alunos e o grupo II é constituído por nove alunos. Quanto à natureza da investigação a realizar, procurou-se garantir que entre os elementos do grupo existisse homogeneidade (Morgan, 1993/1999).

De acordo com os objetivos delineados, optou-se por utilizar o Focus Group, uma vez que, segundo Morgan (1993/1999), esta técnica de investigação permite a recolha de dados a partir de interações grupais baseadas na discussão de um tópico sugerido pelo investigador. O Focus Group, dentro das metodologias qualitativas e descritivas, proporciona, a oportunidade dos participantes exporem aberta e detalhadamente os seus pontos de vista e simultaneamente a confrontação de ideias (Bernardo, 2011).

Esta técnica envolveu as seguintes fases: planificação e condução do Focus Group pelo orientador desta investigação e análise de conteúdo das entrevistas. O roteiro foi estruturado de modo a que os objetivos da investigação se traduzissem numa série de questões ou tópicos de discussão (Aaker, 2001) e que as mesmas fossem formuladas consoante o momento e o propósito (Krueger, 1994). Foram incluídas 25 questões com a seguinte tipologia: questões abertas (identificar as características dos participantes e criar as condições necessárias para que os participantes se sintam confortáveis em expressar os seus pontos de vista); questões introdutórias (conhecer o nível de sociabilidade dos alunos com a escola e empenho nas tarefas); questões de transição (compreender as relações escola-família e aluno-professor, aferir se o sistema de avaliação é adequado e justo); questões chave (explorar as causas de desmotivação entre os alunos e analisar a imagem que a escola transmite aos alunos, inventariar estratégias motivadoras de ensino-aprendizagem, apurar a importância da Educação no desenvolvimento de um tecido empresarial mais inovador e empreendedor em Portugal); questões finais (realizar um resumo das grandes ideias que foram discutidas durante a entrevista); questões resumo (refletir sobre o resumo da entrevista) e questão final (explicar o propósito do estudo).

A partir da técnica de recolha de dados Focus Group e dos registos efetuados (vídeo), transcreveram-se as intervenções dos participantes (registos verbais e não verbais). Seguidamente, procedeu-se à técnica de análise dos resultados através da análise de conteúdo. A análise de conteúdo é uma metodologia de pesquisa com um significado especial no campo das investigações sociais. Constitui-se em bem mais do que uma simples técnica de análise de dados, representando uma abordagem metodológica com características e possibilidades próprias (Bardin, 2008; Carmo & Ferreira, 2008). A partir da técnica de recolha de dados

Focus Group e dos registos efetuados (vídeo), transcreveu-se as intervenções dos participantes (registos verbais e não verbais). Seguidamente, procedeu-se à técnica de análise dos resultados através da análise de conteúdo.

A análise de conteúdo é uma metodologia de pesquisa com um significado especial no campo das investigações sociais. É uma técnica em que são valorizadas as abordagens qualitativas, utilizando especialmente a indução e a intuição como estratégias para atingir níveis de compreensão mais aprofundados dos fenómenos a que se propõe a investigar.

Segundo Bardin (2008, cit. por Carmo & Ferreira, 2008), a análise de conteúdo não deve ser utilizada apenas para se proceder a uma descrição do conteúdo das mensagens, pois a sua principal finalidade é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção com a ajuda de indicadores (quantitativos ou não). Se a descrição (a enumeração resumida após tratamento das características do texto) constitui a primeira etapa da realização numa análise de conteúdo e se a interpretação (o significado atribuído a essas mesmas características) é a última etapa, a inferência é o procedimento intermédio que permite a passagem explícita e controlada, de uma à outra.

### **Análise e discussão dos resultados**

Mediante a análise de conteúdo, enquanto técnica adotada para compreender a construção de significados a partir do discurso exteriorizado pelos sujeitos (Bardin, 2008), o material transcrito foi organizado com base em categorias (escola, currículos, professores, tipo de aula e alunos) e subcategorias (família, sistema educativo, escola, currículos, professores e tipo de aula) a partir de todas as respostas produzidas no grupo (ver figuras 1 e 2).



Figura 1: Causas da desmotivação escolar.

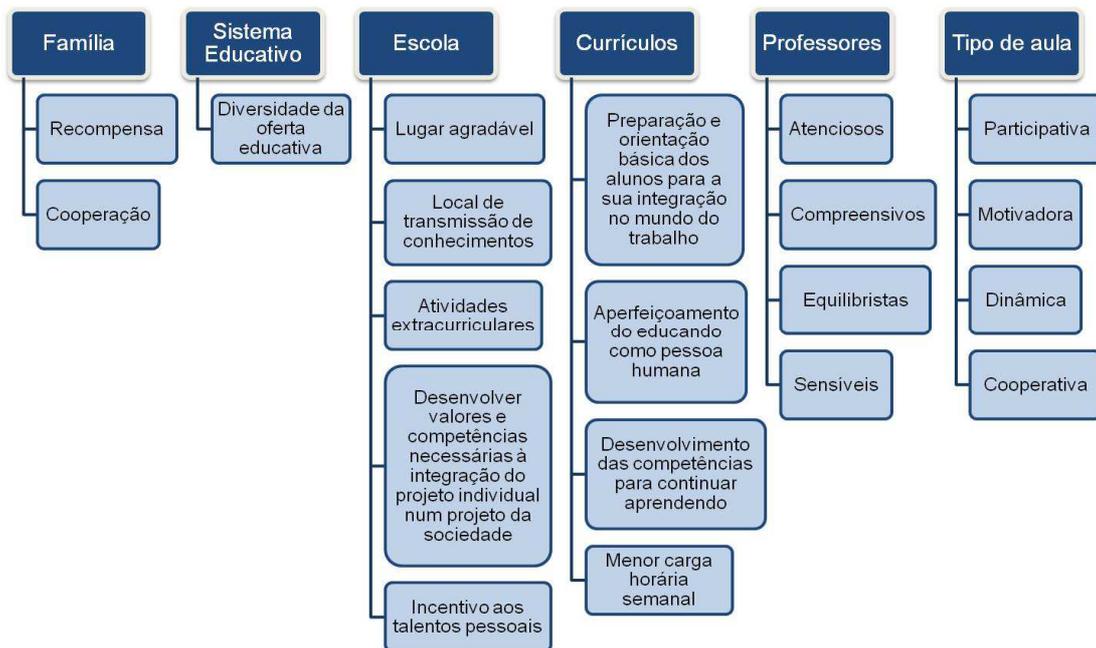


Figura 2: Estratégias motivadoras de ensino-aprendizagem.

O investigador, numa análise de dados qualitativa, aprende a partir do que os participantes da investigação lhe confiam, a partir das perguntas lançadas no Focus Group e de recortes do discurso dos mesmos. O quadro sinótico apresentado anteriormente foi

construído a partir dos objetivos da investigação e permitem assim discutir os resultados obtidos.

A escola não deve ignorar a diversidade da sua população discente e tem de aprender a gerir as diferenças individuais (Trindade, 1996 cit. por Pinheiro, 2011). Como consequência desta conceção, a escola é vista como um lugar desagradável, mas ao mesmo tempo como refúgio (de modo a fugir dos conflitos familiares). Consolidando esta ideia, Pinto (2008) acrescenta que: a escola deixou de ser a quase única fonte de conhecimentos; a sociedade deixou a escola sozinha com a função de socializar os jovens; há cada vez mais alunos para quem a escola faz pouco sentido; a escola tem de responder a desafios com que tradicionalmente não estava confrontada; os professores têm dificuldade em compreender as lógicas e estratégias dos alunos que não atribuem sentido à sua escolaridade.

De acordo com Estanqueiro (2012a) o comportamento do professor segundo o estilo diretivo é aquele que centraliza a comunicação, toma decisões sem consultar os alunos. O comportamento dos professores na sala de aula difere de acordo com a perceção que têm do alto ou baixo rendimento académico dos seus alunos. Com os alunos de baixo rendimento, de acordo com Sprinthall & Sprinthall (1993), os professores são menos condescendentes. Ser professor hoje pressupõe a necessidade constante de se tomar decisões no sentido de se promover com regularidade o processo educativo. A motivação não é um problema apenas dos alunos, mas dos professores também. A falta de motivação dos professores está relacionada essencialmente com as condições de trabalho oferecidas, com o grande número de alunos por sala de aula e com o feedback dos alunos (Estanqueiro, 2012a).

A importância do delinear das aulas é um ponto fulcral no desenrolar da mesma. A aula deve ser criativa e envolvente e não meramente expositiva. Fita (1999, cit. por Knüppe, 2006) refere que a decisão sobre as atividades de ensino-aprendizagem que os alunos realizam é uma das tarefas mais criativas e primordiais que os professores têm pela frente.

Para cada aluno o professor terá de ter um pensamento de heterogeneidade que o levará a pensar, a refletir, a escolher a melhor estratégia de aprendizagem a utilizar. Não consegue mais quem estuda mais, mas quem estuda melhor. Muitos alunos referem que não têm método de estudo, o que conduz ao insucesso escolar. Para que a aprendizagem seja duradora e eficaz, é preciso que a transmissão dos conhecimentos científicos por parte do professor suscite uma reestruturação e incorporação por parte do aluno. O objetivo será a apropriação pessoal dos conhecimentos, do saber e do saber-fazer (Abreu, 2002). Como refere Estanqueiro (2012a), uma das causas mais frequentes para o desinteresse,

desmotivação e indisciplina dos alunos assenta nas opções por um determinado curso e atrasos do desenvolvimento cognitivo. Todavia Pozo (2002, cit. por Knüppe, 2006) acrescenta que o aluno deve criar uma certa expectativa em relação à aprendizagem, para assim se sentir motivado.

Nem sempre os pais sabem motivar os filhos para o estudo. O castigo ou a atribuição de prémios estão relacionados com o que os pais pensam tratar-se de motivações comuns na aprendizagem. Trata-se de se conseguir algo desejado ou de se evitar algo indesejado em troca de aprender (Pozo, 2004, cit. por Knüppe, 2006).

É praticamente unânime, pelos diversos atores do sistema educativo, a premissa de que é imperativo operar profundas transformações neste domínio, de forma a potenciar uma formação integral dos jovens, motivando-os de uma forma mais sólida e alicerçada, para o meio escolar (Cabral, 2001). O atual sistema educativo tem uma oferta formativa pouco diversificada, incapaz de responder às expectativas e necessidades de alguns jovens. O processo de aprendizagem não pode ser confundido com memorização. Mais importante que memorizar é exercitar o pensamento, a crítica e a criatividade.

De acordo com Abreu (2002), a escola é vista não tanto como um espaço de formação e de desenvolvimento pessoal e comunitário, mas como uma instituição onde se pode adquirir diplomas. Porém Stoll e Fink (1995, cit. por Lima, 2008), diz que uma escola eficaz é aquela que promove o progresso de todos os alunos para além do esperado. Um modo de desenvolver talentos será a participação nas atividades extracurriculares com os objetivos de se promover a concentração, liderança, responsabilidade, capacidade de trabalhar em grupo e autoconfiança. As escolas especializadas surgem como importância fulcral para emergir talentos (Robinson, 2010).

A necessidade de cumprir os programas retira tempo ao professor para ultrapassar as dificuldades individuais de aprendizagem que constata nos alunos (Benavente, 1988, cit. por Roazzi & Almeida, 1988). É imprescindível oferecer uma educação de qualidade com funções equivalentes para todos os educandos, para que estes possam adquirir as competências necessárias à integração do seu projeto individual no projeto da sociedade em que se situam (Abreu, 2002).

O estilo motivacional do professor configura-se numa importante fonte de influência para o desempenho, emoções e motivação dos alunos em relação à escola. É considerado uma característica atribuída à personalidade, mas é vulnerável a fatores como, por exemplo, o número de alunos em sala de aula, o tempo de serviço, o género, a idade, as concepções ideológicas, entre outros. Assim, Pozo (2002, cit. por Knüppe, 2006) lega que a possibilidade

que um professor tem de mover os seus alunos para a aprendizagem depende em grande parte de como ele mesmo enfrenta a sua tarefa de ensinar. Nesta ordem de ideias Freire (2001) sugere que saber ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para a sua própria construção. Para Guimarães (2004) toda a motivação deve estar relacionada com metas e objetivos, logo um bom professor que possui metas de ensino, tornará o aluno motivado a aprender.

De acordo com Duarte (2010) os professores podem conquistar a motivação dos alunos, desvendando, no início da aula, curiosidades relacionadas com o tema e expor a importância do conteúdo. Os professores têm consciência de que a escola do futuro será tanto mais eficaz quando for capaz de combinar, de forma equilibrada, a urgência das mudanças tecnológicas com o humanismo (Pinheiro 2011). No processo de ensino-aprendizagem, a motivação deve estar presente em todos os momentos.

## Conclusão

Com esta investigação, procurou-se definir o papel da escola como veículo de desenvolvimento e transformação dos alunos em futuros talentos.

A escola é, sem dúvida, a instituição de excelência para se adquirir competências e desenvolver talentos. É preciso fomentar nos jovens a capacidade de encontrarem soluções inovadoras para criarem iniciativas empreendedoras geradoras de emprego.

A motivação é um elemento essencial para o desenvolvimento do ser humano. Através das teorias motivacionais de Vroom e de Maslow, tentou-se saber quais os fatores que agem sobre os jovens para moverem o seu comportamento.

Os resultados obtidos neste estudo vão ao encontro da teoria motivacional de Vroom, pois os alunos com objetivos bem definidos enfrentam a escola como um local onde podem adquirir conhecimentos e experiências. Por outro lado, os alunos sem perspectivas de vida encaram a escola como um local de frequência obrigatória, o que leva a uma desmotivação e desinteresse por todo o processo de ensino-aprendizagem. Um grande número de alunos refere que o apoio da família é primordial. O aliciamento por parte desta com recompensas, em virtude do desempenho escolar, contribui para que os jovens se esforcem por conseguir bons resultados.

À luz da teoria motivacional de Maslow (1968), os resultados obtidos atestam que os alunos, depois de supridas as necessidades básicas e de segurança, observam a escola como um local onde além de aprenderem, acertam novas amizades, satisfazendo, assim, as

necessidades sociais. A necessidade de estima revela-se muito importante para os inquiridos, uma vez que nela são enquadrados os elogios por parte dos professores. Os jovens elegem os professores atenciosos, compreensivos e sensíveis, simultaneamente com rigor científico e pedagógico, mas que também sejam capazes de elogiar as suas conquistas. Os alunos deste estudo referem que a escola devia despertar a parte criativa que há neles.

O estudo investigativo permitiu conhecer a escola vivida por alunos adolescentes que declararam a escola, os currículos, os professores, o tipo de aula e os próprios alunos como causas da sua desmotivação. Relativamente às estratégias motivadoras de ensino-aprendizagem, os alunos deste estudo encaram que a atribuição de recompensas em troca de resultados escolares positivos, favorece a motivação para aprender (Santos, 2009). A escola deverá apresentar uma oferta educativa diversa, com cursos especializados com vertente prática nas empresas, de modo a desenvolver nos jovens os seus talentos e criar motivação para o sucesso escolar e satisfação pessoal (Abreu, 2002; Santos, 2009). Os currículos deveriam capacitar mais os alunos a integrar o mundo do trabalho. Os professores conseguem mover os alunos para a aprendizagem quando procuram desenvolver as necessidades de cada aluno (Estanqueiro, 2012a). O tipo de aula em que os professores incentivam à sua participação e cooperação decorrem de uma forma mais frutífera. Os relatos dos estudantes forneceram indicadores para se trabalhar numa escola dinâmica, ativa, reflexiva e aberta ao meio que lhes permita desenvolverem-se harmoniosamente, descobrindo e ampliando os seus talentos (Freire, 2001; Gama, 2003; Guimarães, 2004).

Tendo em conta o trabalho realizado no âmbito de definir o papel da escola como veículo de desenvolvimento e transformação dos alunos em futuros talentos, sugere-se a realização de estudos com amostras mais alargadas, podendo ser utilizados os contributos deste trabalho para a construção de um inquérito por meio de questionário. Este poderia ser utilizado em conjunto com o recurso a outros instrumentos de recolha de dados que permitissem cruzar a informação proveniente de diversas fontes, nomeadamente dos órgãos de gestão, diretores de turma, psicólogos e representantes dos encarregados de educação.

Quanto às limitações deste estudo, refira-se a inexperiência enquanto investigadora e de todas as inerências relativas a este facto. Outra limitação reporta-se ao curto período de tempo para realizar este estudo investigativo. O facto de ter sido admitida a frequentar o segundo semestre do segundo ano do mestrado (2013) e não ter frequentado as unidades curriculares revelou-se de certa forma uma lacuna, pois é essencial a articulação da formação teórica com a formação metodológica e técnica. Outra restrição deste trabalho investigativo

reporta-se ao tamanho da amostra, que ao apresentar-se em número reduzido, permite considerar os resultados encontrados apenas para a população em questão.

Um trabalho de investigação é sempre um trabalho em aberto, dadas as constatações que foram sendo apuradas. Daí considerar-se que haveria interesse em realizar estudos que permitissem: uma reflexão sistemática sobre atividades e resultados educativos; apurar que aptidões/vocações prevalecem à margem das perspetivas de Futuro e aplicar um programa de estratégias de motivação.

## Referências

- Aaker, D. A., Kumar, V. & Day, G. (2001). *Pesquisa de marketing*. São Paulo: Atlas.
- Abreu, M. V. (2002). *Cinco ensaios sobre a motivação*. Coimbra: Almedina
- Alarcão, I. (2001). *Escola reflexiva e nova racionalidade*. Porto Alegre: Artmed.
- Antunes, M. C. (1991). Implicações da dinâmica escolar na motivação para a aprendizagem e no sucesso escolar: o cenário da aula. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 10, 91-113.
- Bardin, L. (2008). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bernardo, S. M. S. (2011). *Liderança e Cultura nas Escolas Públicas Portuguesas*. Dissertação de Mestrado. Universidade Técnica de Lisboa.
- Bilhim, J. (2006). *Gestão estratégica de recursos humanos* (2.<sup>a</sup> ed). Lisboa: Instituto de Ciências Sociais e Políticas.
- Boavida, J. & Dujó, A. G. (2007). *Teoria da educação*. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Qualitative Research for Education* (M.J. Alvarez, S. B. Santos & T. M. Baptista, Trans). Boston: Allyn & Bacon (Original work published 1991).
- Bolivar, A. (2003). *Como melhorar as escolas, estratégias e dinâmicas de melhoria das práticas educativas*. Porto: Edições ASA.
- Cabral, M. (2001). A relação professor-aluno. *Elo – Revista do Centro de Formação Francisco de Holanda*, 8, 35-36.
- Carmo, H. & Ferreira, M. (2008). *Metodologia da investigação. Guia para auto-aprendizagem* (2.<sup>a</sup> ed). Lisboa: Universidade Aberta.
- Chizzotti, A. (2003). A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. *Revista Portuguesa de Educação*, 16(2), 221-236.
- Duarte, J. B. (2010). Manual escolar: companheiro do jovem na aquisição de competências e na curiosidade pelo saber. *Revista Lusófona de Educação*, 16, 199-130.

- Estanqueiro, A. (2012a). *Boas práticas na educação – o papel dos professores* (2.<sup>a</sup>ed.). Lisboa: Editorial Presença.
- Freire, P. (2001). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa* (17.<sup>a</sup> ed.). São Paulo: Editora Paz e Terra.
- Guimarães, S. É. R. (2004). O Estilo Motivacional do Professor e a Motivação Intrínseca dos Estudantes: Uma Perspectiva da Teoria da Autodeterminação. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(2), 143-150.
- Knüppe, L. (2006). Motivação e desmotivação: desafio para as professoras do ensino fundamental. *Educar*, 277-290.
- Krueger, R. A. (1994). *Focus Group: a practical guide for applied research*. Thousand Oaks: Sage Publications.
- Lima, J. Á. (2008). *Em Busca da boa escola – Instituições eficazes e sucesso educativo*. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão.
- Lopes, M. P., Palma, P. J., Ribeiro, B. R. & Cunha, M.P. (2011). *Psicologia aplicada*. Lisboa: Editora RH.
- Maslow, A. H. (1968), *Toward A Psychology of Being* (2<sup>th</sup> ed.). New York: Van Nostrand Reinhold Company.
- Morgan, D. (1999). *Focus group as qualitative research*. *Qualitative research methods series*. (A. Almeida, Trans.). London: Sage Publications. (Original work publish 1993).
- Nóvoa, A., Hameline, D., Sacristán, J. G., Esteve, J. M., Woods, P., Cavaco, M.H. (2008). *Profissão Professor*. Porto: Porto Editora.
- Oliveira, J. H. B. (1994). *Psicologia da Educação Familiar*. Coimbra: Almedina.
- Palma, P. & Lopes, M. (2012). *Paixão e Talento no Trabalho*. Lisboa: Sílabo.
- Palma, P. J., Cunha, M. P. & Lopes, M. P. (2007). Comportamento organizacional positivo e empreendedorismo: uma influência mutuamente vantajosa. *Comportamento Organizacional e Gestão*, 13(1), 93-114.
- Pinheiro, J. P. (2011). O papel da escola num contexto multicultural e intercultural. *Revista do Centro de Formação Francisco de Holanda*, 18, 145-150.
- Pinto, C. (2008). *Políticas públicas e conhecimento profissional – a educação e a enfermagem em reestruturação*. Porto: Legis Editora.
- Roazzi, A. & Almeida, L. S. (1988). Insucesso escolar: insucesso do aluno ou insucesso do sistema escolar? *Revista Portuguesa de Educação*, 1(2), 53-60.
- Robinson, K., Aronica, L. (2010). *O Elemento*. Porto: Porto Editora.

- Santos, Á. A., Bessa, A. R., Pereira, D. S., Mineiro, J. P., Dinis, L. L. & Silveira, T. (2009). *Escolas de futuro – 130 boas práticas de escolas portuguesas – para diretores, professores e pais*. Porto: Porto Editora.
- Sprinthall, N. A. & Sprinthall, R. C. (1993). *Psicologia educacional - uma abordagem desenvolvimentista* (5.ª ed.). Lisboa: McGraw-Hill.
- Torres, L. L. & Palhares, J. A. (2009). Estilos de liderança e escola democrática. *Revista Lusófona de Educação*, 14, 77-99.
- Vroom, V. H. & Jago, A. G. (1988). *The New Leadership*. New Jersey: Managing participation in Organizations.
- Conselho Nacional de Educação (2012). *Estado da Educação - Autonomia e Descentralização*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação e Ciência.  
<http://www.dgidec.min-edu.pt/outrosprojetos/index.php?s=directorio&pid=108>  
(Consultado a 04 de dezembro de 2014).